Acreditam em OVNIS ou em vida extraterrestre?

São duas coisas diferentes… Quem acredita em OVNIS – necessariamente – acredita em vida extraterrena; mas o contrário não é exatamente igual. Mas isso é outra discussão… Seja como for, uma das razões evocadas pelo detratores da teoria OVNI e da existência de vida alienígena é o facto de nunca termos sido visitados – oficialmente, entenda-se – por uma civilização interestelar. No entanto, há uma resposta que é dada a isso e que é tão simples que quase parece piada: considerando tudo aquilo que nós, humanos, fazemos uns aos outros, eles têm medo do que nós lhes possamos fazer a eles…

Faz pensar…

A verdade é que a humanidade tem vindo matar-se desde o início dos tempos…

Só nas duas guerras mundiais atingiu-se o número de 105 milhões de mortos; e, entre eles, 5 milhões de judeus (na segunda guerra Mundial), vítimas do genocídio Nazi. Mas de acordo com algumas fontes, entre guerras de configuração mais ampla e as diversas guerras civis que povoam a nossa História, a humanidade assassinou mais de 600 milhões de pessoas; e grande parte destes números apenas contam as baixas militares, ignorando o número de civis – vítimas silenciosas de outras violências e mortes – que caíam, e que ainda caem nas guerras de hoje, varadas pelos conflitos dos outros. Por isso, estes 600 milhões são – na minha perspectiva – contas, francamente, feitas por baixo…

No entanto, a História constrói-se todos os dias e aquela História que gerou os 600 milhões de mortos continua a construir-se e a gerar mais mortes. Há imensos conflitos regionais com gente a morrer dia a dia…

Entre as duas Guerras do Golfo (1990 e 2003) perderam-se – estima-se – mais de 35 mil vidas; nos Balcãs, entre 1991 e 2001 (numa série de guerras regionais), mais de 100 mil pessoas pereceram; e na Síria a contagem vai nos 380 mil…

E a somar a isto, temos ainda as guerras de índole tribal; caracterizadas por uma crueldade visceral e incompreensível ao nosso olhar – dito – «civilizado». São guerras que ocorrem localmente e não são notícia porque não envolvem petróleo, ou outros bens, e não são preocupação das grandes potências. Mas lembro o Ruanda…

O massacre no Ruanda ocorreu em 7 de Abril de 1994, há 26 anos, mas o mundo ainda hoje

treme ao lembrar o que viu nos noticiários, as imagens daquele genocídio terrível, levado a cabo pelos Hútus sobre os Tutsi; estima-se que mais de 600 mil pessoas tenham sido perseguidas e assassinadas à catanada – por vizinhos e conhecidos -, enquanto mais de 400 mil mulheres foram violadas. Conseguem imaginar – conceber – este cenário de horror?

Eu tenho dificuldade; e olhem que a minha imaginação viaja…

E, por fim, a ameaça que está na boca do mundo: o terrorismo. Falar em números absolutos é difícil, porque não há muita informação; há percentagens. Mas numa pesquisa, breve, encontrei alguns dados: mais de 30 mil mortos em 2014, cerca de 18 mil em 2013; as 3 mil vitimas do World Trade Center… Pergunto-me se a preferência por percentagens não será uma estratégia dos governos para não revelar números que, de outra forma, seriam francamente assustadores.

Mas não nos fiquemos por aqui…

Falemos também das pessoas que morrem, diariamente, vítimas de violência; às vezes, gratuita. No Brasil, por exemplo, morrem, por semana, 1195 pessoas, vítimas de crime violento; são cerca de 7 pessoas a cada hora. Em dados a que tive acesso, em 2012, no mundo inteiro, mais de 430 mil pessoas foram assassinadas. E, em Portugal, só de violência doméstica, foram registadas em 2019 – até Novembro – 33 mortes.

E há mais…

A OMS disse – em 2018 – que o tabagismo mata mais de 7 milhões de pessoas por ano. E disse também que o cancro seria a causa provável de morte para mais de 9 milhões de pessoas.

Um estudo publicado, em 2015, pelo *New England Journal of Medicine*, indica que a obesidade leva mais de 4 milhões de vidas num ano.

E, ainda, num outro estudo, a OMS indicou que – num ano – mais de 6 milhões de pessoas morrem por AVC, outros 2 milhões por diabetes e 1 milhão devido acidentes de trânsito; uma guerra que se trava todos os dias.

A humanidade – parece-me – está apostada no seu próprio extermínio. As guerras, o terrorismo, o crime violento e o trânsito são, para mim, as evidências mais gritantes de como

nos odiamos uns aos outros e – talvez – a nós próprios; porque, em última instância, a nossa própria sobrevivência é posta em causa em todas, e cada uma, destas situações. É claro que os teóricos são capazes de apresentar um sem número de teorias, justificações, explicações, razões, porquês e causas para contextualizar tudo isto e eu não as ponho em dúvida nem tento refutá-las; mas faço só uma pergunta: é, ou não, verdade que, independentemente do que subjaz a tudo, nós temos vindo – e continuamos – a matar-nos uns aos outros?

Basta olharmos para uma das formas mais perversas, sub-reptícias e invisíveis de assassinato que ocorre nos nossos dias: as doenças com origem no consumo de bens e alimentos. Os governos permitem que todos nós sejamos bombardeados com informação publicitária claramente manipulada para nos fazer sentir necessidades – mas está tudo bem quanto a isso, porque é essa a função da publicidade – e nós, quando a mensagem tem sucesso, consumimos tudo aquilo que nos querem vender. E podem até achar que, quanto aos bens materiais, está tudo bem e que o problema está só no que à alimentação diz respeito… Mas não.

É verdade que a venda de alimentos processados ricos em açúcar, gorduras saturadas, químicos de conservação – muitos com efeito aditivo – e sal contribuiu, em muito, para o aumento da obesidade e das doenças a ela associadas. Mas não é menos verdade que necessidade consumista de ter coisas que não se conseguem ter – muitas vezes, por falta de recursos – tem uma consequência indirecta no consumo de alimentos; estimula o efeito da compensação; a maior parte das pessoas come e bebe para se compensar das agruras da vida.

Da mesma forma, funciona o tabagismo. O cigarro surge na vida das pessoas… bom; eu não sei porquê, porque nunca senti necessidade de fumar… Experimentei e não gostei. E o que está aqui em causa não é o que faz com que as pessoas fumem, nem o facto de fumarem, mas o processo como as tabaqueiras fazem sentir a necessidade de o fazerem. A publicidade do cigarro sempre foi distintiva; sempre fez sentir que quem fumava era diferente – no sentido positivo do termo; e tempos houve onde – ao mesmo tempo que o álcool – era publicitado livremente… Numa investigação que fiz para um dos meus romances, dei de caras com uma publicidade – antiga – onde se instigava as grávidas a fumarem… Bom; não sei… Talvez tenham sido estes exageros que obrigaram os governos a legislar sobre a publicidade ao cigarro – e ao álcool -, limitando-o a determinados períodos do dia, em televisão… Seja como for, a publicidade ao cigarro, forçada a mudar, manteve a mensagem

de distinção, associada ao bem-estar, e tornou-se subliminar ao associar – discretamente -, no cinema, as características de alguns personagens ao acto de fumar… Entretanto, as pessoas tornaram-se mais alertas para os malefícios de tabagismo e as correntes sociais do «parecer bem» e do «politicamente correto» têm vindo a banir o cigarro de situações de potencial influência massiva. Seja como for, o que importa reter é que o cigarro – um consumo aditivo – continua a ser livremente comercializado, e publicitado, apesar de se saber que – só por si – mata 7 milhões de pessoas por ano.

Se atentarmos nestes últimos exemplos, sem um conflito direto – como é no caso das guerras, do crime e do trânsito – a questão do ódio pelo outro, que acima referi, parece esmorecer; mas o ódio por nós próprios só pode crescer, porque se sabemos que nos faz mal porque persistimos nestes comportamentos?

Eu cá não sei… A estupidez que anima quem produz uma coisa que sabe envenenada é a mesma de quem a consome; sabendo-a, também, envenenada. E o problema não é a falta de informação, porque hoje em dia, tirando raras excepções, a informação está disponível para quem quiser; em estudos e nos próprios rótulos dos alimentos. No entanto, que alternativas terão as pessoas; alternativas reais?

Se deixarmos de nos abastecer nos supermercados, onde compraremos os nossos alimentos?

Há mercados, feiras, praças, com alimentação menos processada; mas será mesmo melhor?

Talvez seja um pouco melhor, mas não muito: os vegetais e as frutas estarão contaminados pelos pesticidas usados, e pelos outros que caem da atmosfera; as carnes, alteradas pelos antibióticos e pelas rações, especialmente tratadas para permitirem um crescimento mais rápido do gado; os peixes, contagiados pela poluição dos mares, pelos plásticos e pelos metais pesados. Por isso, estes alimentos podem ser melhores, mas não muito; e, sem dúvida, não o suficiente, se uma ida ao mercado implicar uma deslocação razoável. E faço esta ressalva porque, nos grandes centros urbanos, são cada vez mais raros estes espaços e os que há são de acessibilidade difícil.

Por isso, nós até podemos estar conscientes da má alimentação que fazemos – e alguns de nós até podem estar a tentar minimizar isso, da melhor forma que consegue -, mas o ritmo alucinante em que vivemos, a pressão que nos é imposta para o sucesso, para o ter coisas – mesmo que não precisemos -, para a pressa de vivermos à imagem de quem idolatramos faz

com que – inconscientemente ou não – ignoremos esta realidade e nos continuemos a envenenar diariamente.

E a situação do tabagismo não é diferente. A chave é nunca ter começado a fumar; mas, se se começou, a coisa complica, e muito, e por razões similares.

Parece-me que estamos num ciclo vicioso, num esquema desenhado para que vivamos neste registo; mantêm-nos pressionados neste paradigma do ter e do haver, nesta busca insana pelo material, num ritmo de vida alucinante e, desta forma, impedem-nos de pensar e de atentar no facto de nos estarem a envenenar paulatinamente.

Entre as guerras, provocadas – regra geral – pelos interesses de alguns, motivados por política ou questões étnicas; o crime, causado pela mesma razão – embora, às vezes, a desigualdade social, fruto do paradigma vigente, tenha uma forte influencia nisso; o trânsito, e as corridas loucas que são o regresso a casa (a necessidade de ultrapassar o carro da frente que até é menos potente que o nosso – ou que é mais, mas vai ali a morrer, porque «dá Deus nozes a quem não tem dentes para as partir») e os acidentes daí resultantes; a alimentação e o tabagismo e as doenças daí decorrentes; poderemos apontar, até ao momento – sem grandes erros – para mais de 658 milhões de mortes; e digo sem grandes erros, porque este número é só o resultado dos dados referenciados aqui – neste texto – e porque – estou certo, também – há muito mais gente a morrer por estas mesmas razões, em locais ermos – ou esquecidos – do mundo que, por assim estarem, não estão a ser tidos em conta. E digo-o também, e ainda, porque, a cada ano que passa, estimam-se mais 9 milhões de pessoas mortas por cancro, mais 7 milhões por tabagismo, mais 6 milhões por AVC… Preciso de continuar?

Tirando as guerras da História, anualmente, e só por via da alimentação e do tabagismo, podemos contar com mais de 25 milhões de mortes…

Seja como for, tirando aquelas guerras, o terrorismo, o crime violento e o trânsito – que são resultado da insanidade humana, mas dificilmente podemos apontar o dedo aos criminosos -, acho que a acusação – pelo menos de tentativa – de assassinato pode ser mantida sobre toda indústria alimentar e tabaqueira, porque – resultado, também, da mesma insanidade – sabem bem o que fazem e sabem bem, também, que nós pouco – ou nada – podemos fazer para nos defender, devido às circunstâncias que nos cercam e cerceiam as opções.

«Ah! E tal… Estás a exagerar!»

Talvez… Afinal, não acredito que alguém naquelas indústrias tenha interesse particular em matar-nos. Mas, então, considerando tudo aquilo que eles fazem e sabem, terei de dizer que será pura displicência continuarem a fazê-lo; e que isso – por si só – configura, também, um quadro de crime: homicídio por negligência.

Termino, apontando o facto abjecto, e incompreensível, presente em tudo isto que relatei; só para o caso de ainda não terem lá chegado ou, então, de já se terem esquecido, porque até foi com ele que comecei: somos nós – nós – quem nos estamos a matar uns aos outros…

Talvez esteja na hora de acordar para a vida…

Imagem de Enrique Meseguer por Pixabay